

UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO ARTESANAL DA VIOLA DE COCHO NA COMUNIDADE SÃO GONÇALO BEIRA RIO - CUIABÁ-MT.

Paula Alexandra Soares da Silva Nunes¹
Sônia Regina Romancini²

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a dimensão espacial da cultura na região de Cuiabá, trata-se de um espaço de grande riqueza cultural que apresenta entre outras manifestações a cerâmica, festas populares, confecção de instrumentos musicais, danças como cururu, São Gonçalo, siriri.

Juntamente com Várzea Grande, a cidade de Cuiabá constitui a Grande Cuiabá, considerada por muitos estudiosos como uma metrópole regional, com aproximadamente 800 mil habitantes. Embora se observa que a cidade tenha passado por grandes transformações, com o aumento populacional e a expansão da malha urbana, verifica-se que a partir da década de 1990 acontece uma retomada da valorização da cultura regional.

A cidade de Cuiabá teve sua origem pela mineração no século XVIII, chegando em meados do século XX, com aproximadamente 50 mil habitantes. Localizada à margem esquerda do rio Cuiabá possui clima tropical semi-úmido, com duas estações bem definidas, uma seca (outono-inverno) e uma chuvosa (primavera –verão), predominando altas temperaturas. (Romancini, 2001).

Atualmente, constata-se que as pessoas são unânimes em considerar que Cuiabá encontra-se mais bonita e agradável, principalmente, quando se toma como referência o final da década de 1980 e o início da década de 1990. A cidade, no final dos anos 1990, passa por uma fase de valorização das suas riquezas, da sua cultura, da paisagem urbana e dos seus lugares de memória.

São Gonçalo é uma comunidade do município de Cuiabá, pertencente ao distrito do Coxipó da Ponte, localizada ao longo da margem esquerda do rio Cuiabá, especificamente entre os córregos São Gonçalo e Lavrinha. Faz limites ao norte com o Parque Geórgia, ao sul com o Parque Atalaia, a leste com o Jardim Mossoró e a oeste com o rio Cuiabá.

¹ Aluna de graduação do curso de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso – Dep. De Geografia. (paula.jo@bol.com.br)

² Prof^a Dr^a do Dep. De Geografia da Universidade federal de mato grosso. Orientadora.

Conforme o Plano Diretor de Cuiabá, São Gonçalo está a aproximadamente 165 metros de altitude, 15°35'56" latitude S e 56°06'01" longitude W do Meridiano de Greenwich. O acesso à São Gonçalo é feito através da Avenida Fernando Corrêa da Costa (sentido Cuiabá – Coxipó), entrando na rua Antonio Dorileo (segunda rua à direita após a ponte do rio Coxipó); Januário (1997).

A comunidade foi escolhida por sua história e riqueza cultural que a destaca na sociedade cuiabana, e por sua notável resistência, mesmo inserida num contexto urbano.

A cidade de Cuiabá, no final dos anos 1990, passa por uma fase de valorização das suas riquezas, da sua cultura, da paisagem urbana e dos seus lugares de memória. Através das intervenções do poder público, alguma delas em parceria com a iniciativa privada, a cidade foi gradativamente voltando para a valorização dos seus símbolos, da sua cultura e memória, numa tentativa de recuperar o sentido da rua, dos espaços públicos, criando novas áreas de convivência, imprimindo uma nova dinâmica na sua vida cotidiana.

Também importante, no contexto dessas mudanças, foi a criação da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, conhecida como Lei Hermes de Abreu. Trata-se de um programa de estímulo à intensificação da produção cultural, vinculado à Secretaria de Estado de Cultura, cujos objetivos são: incentivar a produção cultural e artística; preservar, recuperar e divulgar o patrimônio cultural de Estado (Mato Grosso, 1999). Criada em 1991, a Lei Estadual de Incentivo à cultura passou a ter aplicabilidade em 1997.

Para estudar a espacialidade das manifestações culturais em São Gonçalo Beira Rio, adotou-se uma abordagem qualitativa, a qual, segundo García Ballesteros (1998), não começa com um conjunto de hipóteses a serem verificadas, porém, com uma aproximação ao lugar de estudo, levantando uma série de problemas e reflexões sobre ele.

Com o pressuposto de que a paisagem revela os saberes da comunidade, suas técnicas e seus rituais, o presente estudo teve como objeto central investigar o significado simbólico da viola de cocho para a comunidade. Entre os procedimentos adotados destaca-se o levantamento bibliográfico, as conversas informais e a realização de entrevistas aos artesãos e lideranças da comunidade e o registro fotográfico.

O trabalho foi pautado em levantamento bibliográfico, entrevistas, enfim fundamentado principalmente em considerações teóricas sobre a cultura e cultura popular.

Sabe-se que a cultura surge das relações que os homens estabelecem entre si e com o meio em que vivem, em busca da própria sobrevivência. Apesar do conceito de cultura ser complexo e ambíguo, existe um certo consenso em identificá-lo como o conjunto de idéias, tradições e crenças que modelam as ações das pessoas e sua produção de artefatos materiais, incluindo as paisagens e o meio construído.

Segundo Gomes (1996), a raiz etimológica da palavra cultura provem do verbo latino *colo* (eu habito, eu ocupo a terra) que originou as denominações de colono, colonização, agrícola etc.

A origem é o verbo *Colere*, cujo particípio passado é *cultus*, e o particípio futuro é *culturus*. O verbo *Colere* quer dizer morar, ocupar a terra, trabalhar, cultivar o campo. A cultura é o conjunto de praticas, das técnicas, dos símbolos, dos valores que se devem transmitir as novas gerações para garantir sempre viva o seu registro e o incentivo as novas criações humanas (Campos, 1997).

Assim “cultura” subentende consciência coletiva que libera da vida presente os planos para o futuro; é todo conhecimento que uma sociedade tem de si mesma e sobre outras sociedades, ou seja, as maneiras como esse conhecimento é expresso através de sua arte, sua realidade, religião, tecnologia, ciência, política, etc.

McDowell afirma que o conceito de cultura é bastante complexo e ambíguo, apresentando a seguinte definição:

Cultura é um conjunto de idéias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Idéias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de idéias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço. (McDowell, 1996, p.161)

De acordo com o conceito geográfico de cultura apresentado por Claval (1999, p. 63):

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é uma herança transmitida de uma geração a outra. (...) Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo.

Destaca-se ainda a contribuição de Claval (op. cit., p. 14) que chama a atenção para o fato de que a paisagem permite fazer uma leitura sobre o progresso técnico e os valores de uma sociedade.

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Ela constitui desta forma um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado.

A viola de Cocho é bem Mato Grosso

A viola de cocho é típica do Estado de Mato Grosso, fabricada artesanalmente a partir de um tronco de madeira inteiriça, esculpida no formato de uma viola. No cocho, são fixados o tampo e as demais partes que compõem a viola de cocho: cavalete, pestana, encordoamento e os pontos de barbante. Acompanha a viola de cocho, o ganzá, um instrumento de percussão feito de taquara e trabalhado ainda verde, percutido com um pedaço de osso ou ferro, e o mocho, também conhecido como tamborete ou tamborim, que é um banco de madeira com assento de couro cru, percutido com duas baquetas de madeira.

Em São Gonçalo, o senhor Euclides Maia da Silva, o “seu Bugre”, de 84 anos, é uma referência na confecção da viola de cocho. Nascido no Pantanal de Barão de Melgaço, aprendeu essa arte aos dez anos de idade, com seu avô. Hoje, ele trabalha juntamente com um neto que além da viola para tocar, produz pequenas peças vendidas como lembranças de Cuiabá.

A viola de cocho representa um patrimônio cultural para os habitantes do Pantanal Mato-grossense e das cidades do seu entorno. Assim, um grupo de pessoas de Corumbá-MS, tomou a iniciativa de solicitar ao Ministério da Cultura o seu tombamento. Essa solicitação está pautada na Constituição Brasileira de 1988, que, na Seção II, da cultura, Artigo 216, assegura:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

(...) II. os modos de criar, fazer e viver. (Brasil, 2004, p. 111)



Figura 01: Confecção da Viola de Cocho



Figura 02: A Viola de Cocho pronta e decorada



Figura 03: Tocador da Viola de Cocho

Resultados e Discussão

As pesquisas de campo foram realizadas nos meses de outubro de 2003 e janeiro e fevereiro de 2004. Essas pesquisas possibilitaram uma amostragem qualitativa acerca do mundo vivido pelos cidadãos.

Na ocasião entrevistamos alguns artesões que vivem na comunidade São Gonçalo Beira Rio, onde procuramos entender esse modo de vida tradicional que ainda resiste, e no momento passa por um processo de revalorização por constituir um dos símbolos da região de Cuiabá.

Ao final da década de 1990, verifica-se uma preocupação, por parte do poder público e da sociedade civil, de revalorizar o patrimônio cultural construído em tempos passados, conforme análise realizada por Abreu (1998, p. 7), “o passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em ‘instituições de memória’, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares...”

O autor afirma que, na busca da “memória urbana” no Brasil, o passado está sendo revalorizado. Como exemplo dessa preocupação, pode-se citar o tombamento municipal, em dezembro de 1992, que declarou o bairro de São Gonçalo como área prioritária para o estímulo à produção e à comercialização da cerâmica artesanal, como uma das mais antigas e tradicionais manifestações culturais do município de Cuiabá, e a festa de São Gonçalo como manifestação popular de interesse para o patrimônio cultural do município de Cuiabá.

Segundo Romancini (1994), no contexto dessas influências, a comunidade Gonçalo Beira Rio destacou-se pela manutenção de suas atividades culturais como, por exemplo, a cerâmica artesanal e os instrumentos musicais: viola de cocho, tamborim ou mocho e o ganzá, que acompanham as danças do siriri, do cururu e de São Gonçalo. Estas manifestações denotam a influência luso-indígena que caracteriza o período da mineração em Mato Grosso e da influência paraguaia e boliviana nesta região (Diegues Júnior, apud Rosendahl e Corrêa, 2000).

Nesse contexto, destacam-se como elementos predominantes na paisagem de São Gonçalo os aparatos necessários à produção artesanal da viola de cocho e os grupos organizados que estabelecem as diversas relações na comunidade. Ou seja, em São Gonçalo a ceramista é casada com o pescador, que por sua vez é o artesão e/ou tocador de viola de cocho ou tirador, isto é, pessoa que toca e canta as músicas para a realização das danças de siriri, cururu e São Gonçalo. Os(as) filhos(as) e netos(as) integram os grupos de jovens responsáveis pela perpetuação das danças na comunidade.

Esse sentimento de pertencimento constitui a essência da comunidade e, no Aglomerado Urbano Cuiabá – Várzea Grande, representa o grupo mais significativo em termos de preservação das tradições mato-grossenses. Entre as inúmeras pessoas envolvidas nesse trabalho, destaca-se a senhora Domingas Leonor fundadora do grupo folclórico Flor Ribeirinha, conforme se constata em seu depoimento:

“Só o Flor Ribeirinha tem dez anos de fundação, o Nova Esperança foi eu que fundei, que viveu dezesseis anos, um dos primeiro grupo de Cuiabá foi o Nova Esperança, só que foi acabano devido que foi morrendo as pessoas que era muita pessoa de idade né e aí foi isso, faleceram e aí foi acabando tocador, daí que a gente deu essa retomada de novo pra montar o Flor Ribeirinha. Foram os filhos netos de pessoas que faleceram, porque São Gonçalo é uma família né, então a gente tomô essa iniciativa, eles pediram pra mim, por isso que sou feliz e hoje me sinto uma pessoa, a mulher Domingas realizada, na área da cultura eu tenho trinta e oito anos de cultura do Estado, trabalhando e brigando prá chorá, sorri, tudo pra defendê a cultura, porque eu vivo ela.”

Apesar de considerar que há pouco apoio do poder público para o fortalecimento das atividades da comunidade, a senhora Domingas reconhece que a cultura propicia a união da comunidade:

[...] Nós tem raízes pra oferecê, nós temos bagage pra mostrar [...] Aqui que começô Cuiabá, então a pessoa tem que respeitá é raízes ribeirinha [...] porque ela é um fruto desta terra, ela é o fruto da cultura que brotô uma nova flor, um botão e saiu esta flor que é o Flor Ribeirinha, então por isso que é os grupos outros que tem que respeitá nós, porque nós temos ceramista, pescador, nós temos o índio, nós tem tudo aqui dentro porque aqui que começô Cuiabá, aqui é o alicerce, quer queira quer num queira nós tem tudo de cultura bonito para oferecer pro povo, turista, temos sangue aqui dos mais pequinininho, aqui tem o Ítalo que tem sete anos, até na viola de cocho o guri sabe batê cururu, siriri, rasqueado, a dança de São Gonçalo. Joga o tambori na mão dele, o guri sabe tocá, então tá no sangue. É por isso que eu gostaria de frisá, tem que respeitá o Flor Ribeirinha, nós não somos melhores não, é porque nós trabalhamos, trabalhamos com amor, com vida, eu dô minha vida por meu grupo, porque eu trabalho só, num tenho ajuda de ninguém, nem patrocínio de ninguém, falam: - a Domingas recebeu patrocínio [...] Patrocínio sim de Deus, lá de cima e senhor São Gonçalo que dá essa força pra gente.

O Artesanato da Viola de Cocho

A viola de cocho é um instrumento que é utilizado nas festas religiosas da região de Cuiabá, sendo o principal elemento das danças de siriri, cururu, e são gonçalo. A viola de cocho destaca-se por ser um dos itens da cultura da região de Cuiabá que atrai muitos turistas, tanto que os artesãos participam dos eventos culturais onde a comercialização da viola de cocho é bem aceita pela comunidade.

Em São Gonçalo, o senhor Euclides Maia da Silva, o “seu Bugre”, de 84 anos, é uma referência na confecção da viola de cocho. Nascido no Pantanal de Barão de Melgaço, aprendeu essa arte aos dez anos de idade, com seu avô. Hoje, ele trabalha juntamente com um neto que além da viola para tocar, produz pequenas peças vendidas como lembranças de Cuiabá.

CONCLUSÃO

A comunidade São Gonçalo Beira Rio se destaca na sociedade cuiabana por sua notável resistência, um local que mantém viva as tradições e raízes culturais, mesmo sofrendo influências da sociedade urbano-industrial. Um local onde todos os moradores sentem orgulho de pertencer ao lugar, e que recebe a todos com muita alegria.

Percebemos que a viola de cocho tem grande significado simbólico, porque além de revelar os conhecimentos necessários à sua produção, permeiam as crenças, os valores, as festas, o espírito de solidariedade e a vida da comunidade.

De forma que esta comunidade pode ser considerada como referência para muitos estudiosos das mais diferentes áreas do conhecimento, pois proporciona um dos grupos mais significativo em termos de preservação das tradições mato-grossense.

A comunidade é um local encantador, que tem um povo alegre e festivo.

Assim foi possível constatar a importância que as manifestações culturais representam na transmissão de valores para a construção da identidade do sentimento de pertencer ao lugar. De forma que é uma grande conquista esta preservação e valorização desse rico patrimônio histórico, artístico e cultural que está acontecendo nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de A. Sobre a memória das cidades. **Território**, Rio de Janeiro: LAGET, ano III, n.4, p. 4-26, jan./jun. 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004. 315 p.

CAMPOS, Josilda Eva de. **Patrimônio Cultural e a Modernidade**. IN: Mato Grosso. Secretaria de Cultura. Coordenadoria de Preservação Cultural. Interiorizando a Informação cultural, Elaboração SEC/MINE. Cuiabá: Séc., 1997.

- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999. 453 p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p. p. 167-186.
- GARCÍA BALLESTEROS, Aurora. (Coord.) **Métodos y técnicas cualitativas en geografía social**. Barcelona: oikos-tau, 1998.
- GOMES, Paulo César C. Identidade e exílio: fundamentos para a compreensão da cultura. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, n.3, p.31-42, dez. 1996.
- JANUÁRIO, Elias Renato da Silva. **As Vidas do Ribeirinho – Meio Ambiente, Cotidiano e Educação na Comunidade Ribeirinha de São Gonçalo, Cuiabá, Mato Grosso**. Cuiabá – MT, 1997. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso.
- MATO GROSSO. Decreto n.179 de 20 de maio de 1999. Regulamenta a Lei n.7042, de 15 de outubro de 1998, que modifica dispositivos da Lei n.5.893-A, de 12 de dezembro de 1991, republicada no Diário Oficial de 09/01/92, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, n.22.643, p.1-3, 20 maio 1999.
- McDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D., MARTIN, R., SMITH, G. (Orgs.) **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Trad. Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p.159-188.
- ROMANCINI, Sônia Regina. Uma abordagem sobre as novas formas de habitat urbano em Cuiabá MT-BR. **Revista Geográfica – Instituto Panamericano de Geografia e Historia**. Nº 129. ENERO – JUNIO, 2001.
- ROMANCINI, Sônia Regina. **Educação Ambiental - Cultura Popular**. 50 p. (Monografia de especialização) Cuiabá: IE, UFMT, 1994.
- ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. Heterogeneidade e transformação espacial no Brasil. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 9 e 10, p. 57-64, jan./dez. de 2000.

ANEXOS

Cuiabá 21/05/2004

Entrevista com Sr Caetano (confecciona e toca Viola de Cocho)

Desde quando o senhor faz trabalho com viola de cocho?

Eu faço desde idade de 12 anos, porque lá onde eu nasci a brincadeira era cururu, siriri e boi a serra, então cada um de nós tinha nossa viola, mas era pra diversão, num era pra negocio, e num era pra vende, era só pra negocio de cururu, de festa que nos ia, cada um levava a sua, e depois meu pai vendeu o sitio e eu vim embora pra Cuiabá, e casei e fiquei aqui, trabalhei na delegacia federal 32 anos ai eu garrei foi e fiquei aqui, falei, o que que eu vo faze? Inventei faze a viola, inventei faze a viola porque tem já 18 anos que aposentei, ai eu garrei foi peguei faze a viola e deu certo, mas agora esse mês passado tive uma crise ai de ameaça de derrame, hoje graças a Deus num fiquei alejado de nada, mas num to sintino nada bem do corpo, e o dottor disse pra mim que isso ia da mesmo um abalo no meu corpo, mas graças a Deus to bem, eu mum to trabalhano.

O Senhor aprendeu fazer a viola com quem?

Com meu pai, meu pai era cantador de cururu e fazia viola também.

O mesmo jeito que ele fazia, é o mesmo jeito que o senhor faz agora?

É o mesmo jeito.

Que tipo de madeira se usa?

Nós lá no rio abaixo nos fazia de sara, sara, ximbuva, agora aqui se faz de cajá manga, ximbuva, sara, se faz de, desse, desse graviola, é tudo esse nós fazemos, mangueira.

E essa madeira o senhor compra, ou não tem custo?

Não, porinquanto ainda não comprei. Tão derrubano essa ximbuva ai então nos vai la e pega.

O Senhor tem recebido incentivo para fazer as violas?

Eu parei de vende na cassa do artesão, aqui pra mim sai muito melhor vende a viola, aqui vende mais e o dinheiro corre violento, la vende, passa cinco, seis mês pra pode paga. Olha me filha, eu vo dize pra você, agora no meio do ano sai assim de uma, duas mas no fim do ano, eu fiquei semviola pra vende, nos fazemos viola, tem dia qua nos garra ai faz cinco, seis viola, deixa pronto pra negada chega e compra de duas, três, quatro, cinco, bom vê este ano, este ano nos já ta mais bem preparado, se tive, a vantagem ta tudo bem.

O Senhor participa dos eventos culturais?

Há la é meu filho que tava la, meu filho que estava. Ele vendeu até bem lá, porque la teve a feira do Pantanal e teve depois aquele outro. Nesse ai eles venderam até bem.

O governo tem ajudado de alguma forma?

Nada, até agora nada só promessa que vai ajuda, que vai ajuda e até agora.

O que falta para melhorar?

Nuncei me filha, eu num posso dize proce, porque a gente faz uma coisa e o governo faz outra. E vê que a nossa cultura hoje, tava quase desaparecida, tava quase desaparecida, agora que ta saino, porque tanto o pessoa reclama, ai ta saino a viola e oce vê que ta acabano as festa, quando tinha e fazia festa era só na boca da noite que tinha o cururu, daí é o baile, e hoje não, hoje já tem festa que tem a noite inteira, se voce faze pouco caso na viola de cocho, é não é brasileiro, porque a viola de cocho é a nossa cultura aqui do mato Grosso, oce vê que aonde ta nossa cultura, é a viola de cocho, o cururu o siriri, esse é a nossa tradição, a cultura de mato grosso é esse.

Quem faz a viola também toca?

Não, quem canta o siriri, esse aquele responde, aquela moçada que treina, ele responde o siriri, mas sabe ele num sabe, tem uns que sabe, eles são treinado.

Seu filho também toca?

Não só faz a viola, tem dois ai que ta ranhano malemã ainda a viola, de faze eles fazem muito bem, mas num da pra apresenta ainda.

Existe algum curso?

Nós já fizemo, no Palácio ai do governo, já fizemo ensina ai mas, teve uma moça que chego num dia, nesse mesmo dia ela saiu tocano a viola.

É muito diferente de tocar violão?

Não, os dedo ta macio, porque oce tocano violão os dedo macia.